

<note-book-capa2>

AFONSO CAUTELA

A TESE

NOTE-BOOK -II

GATO DAS LETRAS

2002

1992-1997: SEMINÁRIOS DE «RADIESTESIA & ADN

PONTO DA SITUAÇÃO

Paço de Arcos, 20/6/1997 - Era ponto assente, desde o início, nos meios que estudam a Radiestesia Holística e a Gnose Vibratória, que havia dois Cosmos e que o trabalho de iniciação consistia, fundamentalmente, em fazer a aliança com o cosmos I - MEAI GAO GOC em linguagem vibratória - , aquilo que nos livros vem largamente referenciado como «aliança com Elohim».

De há uns tempos a esta parte, porém, começou a evidenciar-se uma outra tese: em vez do conflito de opostos, haveria, sim, uma aliança ou coabitação.

Esta tese da coabitação - entre Cosmos I e o Cosmos Doente - que tem vindo a soar, como um alarme, desde há já alguns meses, nos meios portugueses onde se estuda o método de Etienne Guillé, não deixa de ser estranha, além de obnóxica.

E, claro, como tudo neste método, difícil de compreender e de apreender pelos cérebros vulgares.

O que é, nos livros de Etienne Guillé, um rio que flui, límpidamente, sem obscuridades de maior, torna-se depois, no discurso dos mestres que aqui o ensinam,

extremamente difícil de seguir.

Vários factores de circunstância limitam ainda mais o acesso a esse discurso:

a) Os dois principais mestres, em quem se pode fazer fé, exprimem-se em francês e nem sempre da forma mais didáctica

b) Nem sempre falam suficientemente lento para se traduzir tudo o que dizem

c) Nem sempre falam suficientemente claro para se conseguir seguir o fio do raciocínio (caso este exista).

Quanto aos portugueses, como também já receberam a mensagem, através destes handicaps, o resultado é igualmente desnorteante.

Acontece que ainda há outro hiato que pode distorcer os textos básicos de Etienne Guillé: como ele convida à criatividade, os discípulos, que se investem em mestres, aproveitam esse convite, dando-se ao cuidado de criar (fantasiar) conforme entenderam (ouviram) ou, melhor ainda, de pura e simplesmente decorar (e repetir em cassette) o que não admite ser decorado nem reproduzido tipo cassette.

Quer Patrice Kerviel, quer Jean Noel Kerviel fazem questão de não dar textos de apoio daquilo que dizem, «método» que é religiosamente seguido pelos discípulos-mestres portugueses.

O 1º resultado de todos estes *handicaps* começou agora a ficar à vista desarmada e de tal maneira é desastroso que obrigou os mestres franceses a realizar um seminário de urgência sobre «*transferts*» e outro sobre «doenças cósmicas».

Ao que consta, o dos «*transferts*», por Jean Noel Kerviel, mais uma vez ficou adiado. Os «*transferts*» é assunto adiado desde o primeiro seminário...

Sobre doenças cósmicas e o que andam fazendo os nossos terapeutas diplomados em radiestesia, já no seminário de 1 de Fevereiro de 1997, no Hotel Penta, Patrice Kerviel pusera os pontos nos iis e interpelara as duas centenas de terapeutas que estavam na sala Berlim do Hotel Penta, porque não reagem ao que ela dizia, de tal modo era «enorme» e de «lourdes conséquences» o que ela estava a dizer.

E o que ela estava a dizer, pela primeira vez em 5 seminários que dela ouvimos, era a questão dos *transferts*, das doenças cósmicas, do Cosmos doente, da Nova e da Velha Aliança (ressonâncias bíblicas...) do Velho e do Novo Cosmos e da «coabitação» em que afinal o Novo Cosmos tem andado com o Velho, embora a tese do início fosse a de que havia «batalha» («*la grande bataille*») como exclamou uma vez o Jean Noel Kerviel), uma milenar batalha na qual havia que tomar definitivamente partido.

O que Patrice Kerviel veio dizer é que andavam todos a fazer *transferts*, a dar consultas, a «curar» doentes de braço dado com o Cosmos «malade», com o Cosmos doente.

Informação de mais «*lourdes*» consequências, de facto, não podia vir agora ser dada pelo filtro de Paris, a equipa que, afinal de contas, está em condições de compreender a cosmogénese em curso, minuto a minuto...

Nós, alunos de há cinco anos, desde 25 de Outubro de 1992, é que nunca lá chegaremos.

Mas chegamos ao ponto de compreender, agora, que, no que respeita a *transferts* e às aplicações terapêuticas da RH, estava tudo do avesso.

Junta-se a este inusitado e repentino interesse dos mestres pela aplicação terapêutica da RH, um outro pormenor não menos interessante para realizar o diagnóstico de um processo, a que alguns, antes de se evadir, chamaram «*cauchemar*».

É que, desde o seminário de Jean Noel Kerviel em Outubro de 1992 e seguintes de 1993, repetia-se até à exaustão, o que se tornou anedoticamente um slogan: « A Radiestesia não é uma Terapia», afirmavam e reafirmavam Manuel Fernandes, Maria Correia Pinto e Jean Noel Kerviel, todos eles ilustres terapeutas de sucesso e larga clientela.

Isto na boca dos mestres, que fazem consultas de

manhã à noite, e com sucesso comercial, parecia um tanto estranho aos cérebros mesquinhos que assistiam aos educativos seminários e que ainda exigiam um mínimo de lógica nos discursos.

Mas como não era a única contradição a exhibir-se nesses seminários, tudo deveria ser levado à conta de que os nossos mestres utilizavam mais e melhor o raciocínio simbólico ou analógico (?) e menos o mesquinho raciocínio lógico-linear.

Contradição a mais ou contradição a menos, nunca fez grande moça aos nossos queridos e venerandos mestres.

A abordagem sistêmica, o elogio do onírico e um certo surrealismo subjacente aos seminários (especialmente os de Maria Correia Pinto) davam afinal cobertura legal a essas contradições, sem as quais, aliás, nos era inculcado de que nunca ninguém seria grande radiestesista...

Sortudos, sem dúvida, foram os mais de 100 alunos do Dr. Manuel Fernandes, os mais de 20 da Dr^a Maria Correia Pinto e os mais de 500 do Dr. Afonso Lopes Vieira, sortudos porque aprenderam, num seminário expressamente para eles, o que os mais de 300 alunos que frequentaram, durante 5 ou seis anos, quase todos os seminários, nunca aprenderam, ou seja, a prática terapêutica inerente à prática dos *transferts* energéticos e das doenças cósmicas.

Com a vantagem acrescida de aprenderem todas as

novidades que entretanto têm sido transmitidas pelo Cosmos e captadas pelo filtro de Paris.

Do célebre seminário de 1 de Fevereiro de 1997, em que Patrice Kerviel , fazendo o ponto da situação cósmica e portanto o ponto da situação prático-terapêutica - desmontou todo o processo da RH/GV dos primórdios até ao dia de hoje, pouco se consegue ouvir, dado que a gravação ficou indecifrável . Sempre assim acontecia, ao longo de vários seminários, a quem estivesse interessado em guardar as palavras de Patrice Kerviel para posteriormente as estudar e já que papéis de apoio nunca houve.

Quem não ficasse na primeira fila e ao centro da sala, já não conseguia obter uma gravação com o mínimo de audibilidade.

De facto, na gravação, pouco mais além de algumas palavras-chave se consegue entender do discurso suave, pausado e ritmado de Patrice.

A maior parte dos presentes que estiveram na sala, pessoas extremamente dotadas que prendem e apreendem tudo por telepatia, não precisam de gravação, não precisam de papéis de apoio, não precisam sequer de palavras de Patrice, como possivelmente não precisaram de descorticar os livros de Etienne Guillé.

Mas há quem precise, há quem não seja génio, nem

Sócrates, nem Platão, nem o deus Rá, e precise portanto desta preciosa muleta que é manutenção mecânica de um discurso, nomeadamente um discurso, como o de Patrice Kerviel, que se recusa (recusou) sempre a ficar cristalizado em texto escrito.

Agora que Patrice anunciou ter terminado a sua missão de ensinar radiestesia em Portugal, é o momento de as pessoas que querem mesmo aprender - e não querem ficar-se em simulacros de aprendizagem - aproveitarem, até ao último cêntimo, até à última palavra, os seminários que, apesar de tudo, tivemos a inaudita sorte de lhe poder ouvir e gravar.

Se, mesmo com as advertências da Patrice, a situação prático-terapêutica não é brilhante, muito pior então seria se ela não tivesse estado presente.

<tese-3>

A SIMPLICIDADE DA AUTOTERAPIA

27/2/1999 - No reino do marketing e do consumismo, há uma afirmação de princípio que se tornou tabu e perfeitamente subversiva, tal qual como na velha medicina. É o princípio da simplicidade.

Simplificar em vez de complicar e explicar em vez de complicar, eis a dupla maldita, quer para o consumismo médico farmacêutico, quer para o consumismo naturoterapêutico, que vivem ambos de complicar.

Tal como têm afirmado os verdadeiros mestres, a vida é simples na sua complexidade e a saúde também.

Talvez mesmo a principal doença de que sofreremos seja a neurose da complicação ou a mania de tudo complicar, já esquecidos de que a complicação só interessa ao negócio dos que dele extraem os lucros.

Desde os colégios de sacerdotes (das grandes e pequenas religiões) que assim tem sido: a complicação ou complicabilidade é a condição sine qua non do poder e da manutenção do poder.

No caso, do poder médico. E, no outro caso, o poder naturoterapêutico, que começa agora a levantar a crista.

Uma tese em defesa da nova medicina holística e ecológica tem que enfrentar este nó górdio e desatá-lo.

É preciso dizer às pessoas que a saúde é gratuita, que só a doença é cada vez mais cara e que, portanto, o princípio da simplicidade deve prevalecer.

Com o sistema que existe, todos, pobres, ricos, remediados, vamos pagar os custos da complicabilidade. Até à total rutura ou bancarrota do sistema. Que ainda por

cima é um espectáculo de horror e terror como qualquer lugar de atendimento médico o pode comprovar.

AUTOCRÍTICA DAS MEDICINAS ALTERNATIVAS

Uma tese em defesa das medicinas alternativas deverá começar, exactamente, por uma crítica, por uma autocrítica dessas medicinas e por uma revisão analítica dos seus fundamentos e da sua prática.

Não admitir procedimentos fraudulentos por parte das técnicas naturológicas, é a sua melhor defesa.

Ainda que a tradição naturológica tenha em Portugal bons e remotos antecedentes, nem sempre, na prática, se tem dado sequência e continuidade a essa linha de qualidade.

Se as medicinas naturológicas e artes de curar são a medicina do futuro, há que exigir delas o rigor que lhes é próprio e que por natureza lhes pertence.

Perante um quadro tão vasto de terapias (ver lista da OMS), há também que temperar os ânimos e realizar a necessária triagem, hierarquizando os vários sistemas de cura, de acordo com o seu índice de fiabilidade, de autenticidade e, principalmente, de eficácia.

Nem todas as terapias valem o mesmo. É preciso dizê-lo e prová-lo, em defesa da vanguarda naturológica .

Cada uma tem um lugar próprio nessa hierarquia de valores , do qual não pode nem deve exorbitar.

O que hoje se verifica, com uma suposta e alegada «nova era» , importada dos EUA, é a total confusão de valores e de méritos. Em defesa da Naturologia, há que dar o seu a seu dono.

A mézinha da bisavó pode ter um papel na acção terapêutica global mas não deve nem pode colocar-se ao

lado de uma intervenção de acupunctura.

Há valores de antiguidade, inclusive, a respeitar.

E uma novidade, só porque é novidade, não tem que ser melhor do que uma prática consagrada por séculos ou milénios de experiência.

E vice-versa.

Uma técnica, só porque é antiga, não tem que ser abandonada e preterida. Antes pelo contrário. Há que averiguar do seu contexto, do seu enquadramento num sistema mais vasto de valores e numa lógica que pode não ser a lógica da medicina dominante ou sequer de uma das medicinas alternativas.

Por isso, o fundamento epistemológico da medicina tem que mudar.

O iluminismo positivista - tudo o que é novo é necessariamente bom e melhor - tem que mudar.

O critério de novidade - colhido da sociedade de consumo - aplica-se à moda e às engrenagens do consumo e do marketing.

Em ciências humanas e muito em especial em ciências biológicas, esse critério mostra-se de uma sinistra falsidade.

No entanto, a ciência médica tem usado e abusado, com os desastrosos resultados que se conhecem.

A medicina não é, embora pretenda ser segundo os seus luminares, como os automóveis (aos quais já vi ilustres clínicos compará-la) em que o melhor é sempre o do último modelo.

O melhor em medicina, pode vir de uma tradição com milénios de experiência .

É este o critério do novo paradigma, da nova epistemologia e da nova medicina. Ele põe termo a uma beatismo metafísico e a um dogmatismo grotesco em que

a actual medicina se compraz.

Na sequência da ideologia catastrofista deste século que está a findar, a medicina pôs a circular a crença de que a tecnologia e só a tecnologia tudo resolve.

Só que, em ciências humanas (porque o ser humano não é uma máquina) e em ciências biológicas (porque a célula viva não é comandada pelo princípio da entropia mas, ao contrário, pelo princípio da neguentropia) essa crença na tecnologia pesada é erro crucial e dá origem ao panorama de catástrofe que é hoje o do chamado progresso médico.

Veja-se por exemplo, o sistema hospitalar, com seus dramas e tragédias: é, no fundo, uma questão da mentalidade que tem vigorado e que continua despoticamente a querer vigorar, embora tenha os dias mais do que contados.

Se o progresso médico é, por exemplo, a tecnologia das transplantações, é evidente que não há progresso nenhum, à luz do mais elementar princípio de qualidade biológica.

O que hoje há, com carácter endémico, é a decadência biológica, decadência da qual as tecnologias pesadas são a outra face da moeda.

Tecnologias apropriadas de saúde , como o filósofo Ivan Ilich propôs, técnicas soft de saúde - principalmente técnicas económicas - essas, sim, que são matéria de progresso da nova medicina, a que, na linha norte-americana de René Dubos e James S. Gordon (Manifesto da Nova Medicina, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1998) se tem chamado, com alguma prioridade , Biomedicina.

Face aos números astronómicos que de ano para ano representam os chamados gastos com a saúde (e que são apenas os gastos com a doença e principalmente com um

sistema estruturalmente doente), o argumento do dinheiro não será o mais importante para justificar a viragem, mas para o sistema, que se diz em bancarrota, deverá ser o principal argumento a considerar.

OS MITOS DO NATURAL E DO BIOLÓGICO

Há que fazer algumas críticas , também, a certas nomenclaturas , de que hoje se abusa, em nome de determinada mitologia .

O prefixo bio, tal como André Breton dizia da literatura, mène a tout.

A mitologia do natural e do 100% natural serve hoje para impingir algumas inocuidades terapêuticas .

O mercado das coisas naturais expande-se e a filosofia de mercado estende-se também ao biológico.

A mentalidade consumista e merceeira tem, de facto, uma tendência para acanalhar e avacalhar tudo o que toca, como o Midas da fábula.

Também aí há que usar de exigência crítica e não ceder à pressão dos lobbies, que os há e cada vez mais fortes e mais ferozes na área holística como os há na área farmacêutica e médica.

Um tese em defesa da nova medicina biológica (como lhe chama o português Adriano de Oliveira) tem que ser também exigente nesse aspecto de marketing. Doa a quem doer.

<tese-6>

MANIFESTO CONTRA A CIÊNCIA ORDINÁRIA EM GERAL E AS CIÊNCIAS DA VIDA EM PARTICULAR (CONTINUAÇÃO)

HISTÓRIA DAS IDEIAS NATUROLÓGICAS

1/3/1999 - A ideia (mais pré-conceito do que ideia) de que a ciência é como os automóveis e de que o último modelo é sempre o melhor, destronando e mandando para a sucata os anteriores, não tem ponta por onde se lhe pegue.

No entanto, é a ideia (o pré-conceito) que preside à ilustre ciência médica (e anexos) que todos os dias deita fóra descobertas do dia anterior.

Compete à naturologia introduzir um pouco de bom senso, de lógica, de economia nesta paranóia, que, além do mais, é um desperdício ecologicamente condenável como todos os desperdícios.

Compete à Naturologia não ter medo dos papões, visitando os bons exemplos do passado, reencontrando e revalorizando autores, livros, correntes e ideias que, postas de lado pelo progressismo linear, bacoco e beato da ciência médica, tenham dado algum contributo interessante ou importante para o verdadeiro progresso humano que nunca se identificou e cada vez menos se identifica com as modas, com os novos modelos de automóveis, com as novas aquisições laboratoriais de uma ciência esquizofrénica, autista e completamente alheada do ambiente, de tudo e de todos.

À luz da Naturologia e do novo paradigma cósmico

que a exige, há que refazer a história das ideias, reabilitando autores, livros, correntes, teses, conceitos que ficaram relegados e renegados pelas vagas de sucessivos modernismos e modismos em que a ciência ordinária se compraz.

No fundo, com as modas e os modernismos, trata-se pura e simplesmente de fazer com que a máquina infernal do consumo e do consumismo continue a girar a uma velocidade perfeitamente psicótica.

Na pequena biblioteca do Grupo de Estudos Herméticos, guardam-se alguns títulos que podem contribuir para o acervo necessário à história das ideias naturológicas. E diga-se que já não são muitos títulos.

Porque os fundamentos do novo paradigma terão que ver também com essa economia selectiva de informação, como diremos a seguir, a propósito da Internet.

BASTA DE ABUSOS

A ciência tem que tomar, definitivamente, juízo.

Não adianta esconder-se atrás da famosa neutralidade, não adianta usar da sofística que sistematicamente utiliza para se auto-ilibar de culpas e responsabilidades, não adianta vir argumentar, pela milésia vez, de que nada tem a ver com a crise ecológica, com o tecnoterror, com o síndrome sísmico nuclear, com o buraco na camada de ozono, com o derretimento dos gelos polares e as sucessivas catástrofes ambientais que se abatem sobre o Planeta Terra.

Não serve de nada à ciência ordinária apresentar desculpas de mau pagador, dizer que a culpa é sempre dos políticos, dos técnicos, dos economistas, dos

financeiros, dos industriais, do governo, do Estado, do capitalismo, do socialismo, porque, de facto, a culpa é desses todos mas é também e principalmente da santa instância dita científica a quem esses todos recorrem e vão sempre pedir justificação e argumentos para as suas atrocidades.

O que ciência e cientistas têm que ter bem presente é que, tarde ou cedo, um tribunal de Nuremberga os há-de julgar por crimes contra a Humanidade.

Neste contexto, a chamada ciência médica não é excepção à regra. Nem melhor nem pior do que as outras (ciências) que contribuíram para o moderno holocausto, a ciência médica apenas tem refinado (n) a sua natureza psicótica e criminogénica, talvez porque trata directamente com o coração da vida e com o coração do universo - a célula.

A bem ou a mal, a ciência médica terá de aprender que, com a célula, é preciso ter cuidado e que não é com métodos cruentos e bombásticos (do diagnóstico à terapia), não é com pesquisa laboratorial em ratos e cobaias, não é com métodos de análise hediondos, não é com modas todos os dias fóra de moda (porque o consumismo exige), não é com violência atrás de violência (sobre a célula), virulência atrás de virulência, vacina atrás de vacina, antibiótico atrás de antibiótico, corticoide atrás de corticóide, que se estuda a vida, que se compreende a vida, que se respeita a vida.

Como não é, obviamente, a vida que vai morrer, quem terá de morrer é a ciência médica tal e qual tem vindo a ser institucionalizada, como um dos poderes mais despóticos, objectos e horrendos da era moderna.

Chega de abusos.

Basta de arrogância e pesporrência.

Façam autocrítica.

Não usem e abusem da nossa paciência.

Tratem-se primeiro e vão depois tratar dos outros.

Deixem de se esconder como o avestruz.

Não pensem que podem com uma bioética arranjada à pressa, fazer esquecer uma história de calamidades, horrores e terrores.

UM BALANÇO DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Acusada, no tribunal das consciências, pelas atrocidades do terror e do tecno-terror contemporâneo, a ciência ordinária passa à contra-ofensiva e finge que faz autocrítica. É a face mais odiosa de um já suficiente odioso.

A epistemologia foi um dos estratagemas inventados para fingir que faz autocrítica e é, como tal, uma das mais solenes mistificações a que assistimos.

O facto, já assinalado por mim, em outra página desta tese, de haver, numa vasta bibliografia de epistemologia, um único livro onde as ciências biológicas são abordadas, é só por si suficientemente elucidativo do sofisma que a epistemologia se reduz.

Para lá de umas punhetas bem batidas ao Karl Popper, ao Bachelard e a outras inócuas figuras, que nada aqueçam nem arrefentam ao destino de nós todos e ao destino da Naturologia, a ditadura da chamada ciência continua intocável e as alternativas (que já existem) são escamoteadas.

É preciso dizer aos epistemólogos que existe uma epistemologia de rutura (pós moderna?) e que só essa interessa no balanço e processo das ciências biológicas a que a Naturologia terá que proceder.

O AUTISMO DOGMÁTICO DA INTERNET

1/3/1999 - A ciência esconde-se, hoje, principalmente, atrás de um fenómeno tecnológico multiusos, a que, simplificando, podemos chamar «síndrome da Internet».

A crença religiosa hoje em expansão é que está lá toda a informação. E é esse dilúvio de informação, a que melhor se chamaria contra-informação, que acaba por bloquear todo e qualquer movimento de ideias, mesmo que fossem favoráveis ao sistema, já que ideias críticas é evidente que estão completamente ausentes do sistema engendrado pelo sistema e que fundamentalmente serve o sistema de abjecção.

Este vazio serve à ciência em geral e médica em particular para prosseguir, mais alguns anos, o seu autismo dogmático (para empregar uma metáfora psiquiátrica), a sua ditadura (para empregar uma metáfora política-ideológica).

A estratégia da Naturologia deverá ser, portanto, a de denunciar essa nova sofística a que se chama ciência, discutir criticamente essa dogmática e reduzir o mito ou síndrome da Internet às suas dimensões de pequeno chafurdo de várias pornografias, incluindo a da ciência.

Instrumento de consulta, apenas, tal como uma enciclopédia ou um dicionário, deverá ser usada, em naturologia, tal como é usado um dicionário: eventualmente e para tirar dúvidas de pormenor.

A gama de informações da Internet justifica, não uma rendição total ao caos do actual reino do virtual mas uma exigência cada vez mais exigente de crítica, escolha e selecção de informações.

É nesse sentido - seleccionar a informação disponível -

que realizamos este trabalho, que apresentamos esta tese.

Se a ditadura da ciência médica se serve (usa e abusa) da ditadura Internet, a resposta da Naturologia e da medicina naturológica deverá ser muito simplesmente: selectivar e escolher para optar.

O SILÊNCIO IATROGÉNICO

1/3/1999 - Sistemáticamente silenciada por cientistas e seus acólitos, a iatrogenia irá ser, tarde ou cedo, matéria do processo que o utente deverá colocar à instância médica e científica.

Em 1953, Indiveri Colucci, no livro «A Cura da Sífilis» (Lisboa, 1953, Editorial Natura) denunciou o crime do mercúrio, arsénico e bismuto utilizados pela medicina no tratamento da sífilis.

Mais uma vez, foi pioneiro e caso único no panorama das ideias naturológicas em Portugal.

O livro tem prefácio de José Castro e não foi ainda devidamente valorizado na sua importância histórica.

A história das ideias naturológicas deverá incluí-lo em lugar de destaque, se quisermos que a Naturologia ocupe o lugar a que tem direito.

Os naturólogos deverão, no mínimo, ter hoje metade da coragem que teve Colucci ao enfrentar o despotismo médico. Despotismo que, evidentemente, tem silenciado todos os escândalos de que a medicina tem vivido (matando) este século XX.

Reduzir ao silêncio o episódio da sífilis e seu tratamento químico, é demasiado fácil, abusivamente fácil. Há processos que têm de ser reabertos. Urgentemente. Nem que seja para encetar uma história das omissões na

história das ideias naturológicas.

O QUADRO (OBSCENO) DAS ITES

O discurso médico sobre infecções ilustra como se pode com meias verdades esconder mentiras inteiras.

Como se pode ver no livro de um dr. António Carvalho (Sífilis de Pais, Sífilis de Filhos-Editora Fernandes, Lisboa, 1934), o que se diz sobre a evolução de uma infecção sífilítica será verdade (admitamos) no que se refere à responsabilidade do agente patogénico.

Mas é apenas metade da verdade , porque a outra metade é o terreno orgânico e dele nunca o discurso médico sobre infecções (sífilíticas e outras) se ocupa.

A Naturologia deverá alargar esta imunologia restrita e restritiva em que a ciência médica continua a basear-se.

O discurso do livro citado é de 1933 mas, 66 anos volvidos, o discurso continua a ser substancialmente o mesmo, apenas mais sofisticado na nomenclatura. Como se sabe, aquilo que a ciência médica considera um grande progresso é aumentar inflacionariamente o vocabulário técnico.

Falando em infecção sífilítica, estamos a falar do célebre quadro de ites a que a ciência médica rende culto.

A complicabilidade de que vive o negócio médico-farmacêutico nasce e alimenta-se dessas ites.

Logo a partir do 1º ano de idade (Ver o chamado Boletim Oficial de Saúde, conhecido nos centros de saúde como boletim das vacinações).

Logo no princípio as ites começam a ser religiosamente cultivadas.

A Patologia que se ensinar em Naturologia deverá ser, obviamente e totalmente, revista à luz dos dados

naturológicos e ecológicos.

ECOLOGIA DO CANCRO POLUIÇÕES MAGNÉTICAS & ELECTROMAGNÉTICAS

A explicação ambiental do cancro não esgota a etiologia desta doença mas é, apesar de tudo, a linha avançada da investigação sobre a doença e que aponta para a lógica ortomolecular, à luz da qual toda a patologia terá que ser revista.

Aliás, à medida que os poluentes (químicos e electromagnéticos) aumentam em flecha (tudo neste sistema aumenta, logaritmicamente, menos a inteligência...) a própria leitura ecológica do cancro (e de todas as doenças) terá que ser constantemente revista.

Já de si complicado, o problema da profilaxia e terapia do cancro complica-se ainda mais.

Segundo a linha mais avançada da investigação vibratória, o factor determinante deverá ser procurado no ambiente electromagnético e nas poluições magnéticas (tanto como as químicas) que alteram a circulação ortomolecular.

Se, como dizem alguns autores, o cérebro emite ininterruptamente ondas electromagnéticas, estamos perante um tema crucial da Naturologia e da Noologia médicas.

Se é poluição magnética e electromagnética que principalmente afecta o cérebro e se a poluição magnética hoje mais próxima do cérebro são as baixas e baixíssimas frequências vibratórias dos telemóveis, poderemos ter uma primeira amostra do que significa a avassaladora invasão desses emissores/receptores junto ao cérebro.

As poluições electromagnéticas à distância (ecrãs de televisão, ecrãs de computador) passam a segundo plano, apesar da gravidade que também representam para a saúde pública .

A ciência oficial nunca irá indagar mais este «dossiê maldito» de ecologia humana, mais este episódio do actual condicionamento ambiental dos corpos e (no caso dos telemóveis) dos cérebros.

No mínimo, as entidades que tanto falam de saúde, que tanto dizem preocupar-se com a nossa saúde , deveriam estudar o problema, em vez de meter a cabeça debaixo da areia, como sempre fazem quando se trata de averiguar de mais um factor nefasto à chamada saúde pública mas que pode afectar um dos intocáveis do grande negócio, seja Belmiro, seja a Telece ou seja a Portugal Telecom. Saúde pública de que existe, segundo nos dizem, um Instituto Ricardo Jorge...

Os autodidactas e franco-atiradores estão definitivamente fartos de assumir, à borla, o trabalho que as altas instituições (pagas pelos impostos dos 50% dos que em Portugal pagam impostos) , incluídas as altas instituições com o nome de saúde pública) não assumem nem querem assumir.

<tese-7>

RECICLAGEM DOS PROFESSORES

2/3/1999 - E não se peça unicamente aos alunos de Naturologia para realizarem esse trabalho e esse esforço de síntese holística, cada um por si, sem que o sistema ajude, antes pelo contrário.

A reciclagem de professores (no caso, os professores de Patologia) deverá começar já e para isso tenho estado a contribuir com este diário de bordo, embora com a nítida e clara sensação de estar a falar pró boneco.

Ao solicitar um júri multidisciplinar para discutir esta tese, estou ainda a convidar os mais afoitos a que façam essa reciclagem.

Coloca-se aqui, mais uma vez, a questão central de um curso superior de saúde, nomeadamente este curso de saúde holística ou naturologia:

- as novas matérias, dentro de um novo espírito e, principalmente, de um novo paradigma que a Naturologia exige, continuarão (até quando?) a ser ignoradas da maioria dos professores que dão as suas especialidades sem se importar com o conjunto holístico que essas especialidades devem visar.

Deste nó górdio - que estrangula o futuro da Naturologia e as escolas que a pretendam leccionar - resultam duas situações anómalas para não dizer absurdas:

a) Os alunos que deverão responder futuramente pela naturologia continuam a ingorgitar velhas matérias, segundo o velho espírito do velho paradigma e só passam se estiverem de acordo com todos os regulamentos do passado;

b) Os professores não estão minimamente obrigados a ligar cada uma das matérias ao conjunto holístico em que elas fazem sentido e que é o objectivo estrutural e fundamental do curso.

Esta minha tese tem, como principal objectivo, dar uma ajuda a que aquele anacronismo desapareça. Ao exigir um júri multidisciplinar, estou apenas a forçar a necessidade fundamental de os professores, alguns em particular e todos em geral, fazerem também um esforço para se aproximarem do novo espírito e do novo paradigma da Nova Naturologia.

É o que incluo sob a designação de Estudos Avançados de Naturologia e cujo quadro de matérias proposto vai incluído em anexo.

FLEXIBILIZAÇÃO

3/3/1999 - Flexibilização é a palavra-chave para que o sistema de ensino possa (mesmo que não queira) evoluir.

Se para o sistema oficial de ensino já é insuficiente o actual regime de avaliações e de acesso aos graus da hierarquia académica, essa falta sente-se com maior acuidade no ensino da Naturologia, onde as várias ruturas com o «antigamente» terão de ser feitas.

Inserir novas matérias no sistema de ensino, já é difícil. Mais difícil ainda se essas matérias contradizem, de algum modo, as já existentes e instaladas. Mas inserir, além disso, um novo espírito, é ainda mais difícil e mesmo utópico. Ainda que seja cosmicamente inevitável, estrebuchem eles o que estrebucharem.

A actual universidade tentou algumas aberturas para se permitir uma certa evolução e para que se não dissesse que

não tinha acompanhado o progresso...

Entre essas aberturas, conta-se a inserção de cadeiras com carácter opcional.

Isso exige, além do mais, flexibilidade de horários e que as escolas não se confinem à rigidez imutável dos regulamentos.

A flexibilização é palavra-chave no ensino superior em geral e no ensino superior da Naturologia em particular.

A Naturologia deverá começar por ser exigente e autocrítica para consigo mesma.

No caso dos pioneiros e dos antecedentes, há que enfrentar o problema do discurso que por eles foi elaborado.

É evidente que os pioneiros da medicina neo-hipocrática, essencialmente práticos, foram heróis pelo que fizeram e não pelo que deixaram escrito. Mas, por isso mesmo e por respeito ao seu papel na história das ideias natrológicas, a crítica deverá começar pela crítica ao discurso, por vezes naif, que eles deixaram.

Desde que, com exigência igual, se analise e critique o discurso médico da alopatia vigente.

No caso português, por exemplo, se é possível e necessário valorizar livros de autores como

Fred Vasques Homem

Indíveri Colucci

Araújo Ferreira

Oliveira Feijão

há que fazer uma releitura crítica dessas obras, à luz das informações que, entretanto, foram avançadas por autores da linha natrológica ou pelos chamados autores de transição, ou filósofos e autores da ponte entre o velho e o novo paradigma.

<4-3-199> <tese-2>

IDEIAS
PARA UM CURSO SUPERIOR DE
NATUROLOGIA

<tese-5>

DEFENDER TESE DE NATUROLOGIA

Os livros conhecidos (e aprovados) de Naturologia, mesmo os que se consideram mais avançados, terminam geralmente onde deveriam começar.

Ou seja, a nova Naturologia (que implica a nova epistemologia do novo paradigma cómico) está ausente da maior parte dos manuais usados nas escolas superiores de Naturologia já existentes.

O objectivo do meu trabalho é reunir a mais recente e actual informação sobre os fundamentos da nova Naturologia, da nova Noologia, da nova Epistemologia e, portanto, sobre os fundamentos da nova medicina que estará no terreno muito em breve mas que precisa de ser implantada.

O meu contributo ao apresentar uma tese sobre Naturologia e Noologia como as ciências do terceiro milénio é abrir caminho aos que estudam Naturologia e dar-lhes argumentos científicos cada vez mais sólidos para combaterem eficazmente os inimigos da Naturologia.

É perante um júri de professores de várias especialidades que eu tenciono defender a(s) minha(s) tese(s) sobre Naturologia, que é a especialidade de não ter especialidades

...

<tese-13>

NOVAS PATOLOGIAS AS GLÓRIAS DA MEDICINA MODERNA

O MITO E O DOGMA EM CIÊNCIA

7/3/1999 - Um livrinho para crianças da editora Bertrand - «Diz-me Quando» - pode ser altamente informativo do estado a que chegámos em matéria de mitologia médica .

Não faltam ali os «grande avanços da medicina, a saber:

- a cirurgia
- a radioterapia
- a circulação do sangue
- os enxertos de órgãos
- os antibióticos
- a penicilina
- o quinino

Vale a pena investigar, em Naturologia, o que foram avanços e o que foram retrocessos nos «progressos» da medicina. Vale a pena investigar, em Naturologia, a mitologia médica que alimenta modernamente a religião da ciência.

BALANÇOS DO 25 DE ABRIL

SUBVERSÃO DO ENSINO SUPERIOR

8/3/1999 - O nível de matérias ministradas nos últimos anos do ensino secundário deverá ser retomado no ensino superior.

Há que rejeitar, totalmente, a paranóia de que, chegados ao ensino superior, tudo o que ficou para trás é lixo e há que deitar fora.

O que ficou para trás :

a) Não é lixo

b) É um nível de organização do conhecimento (da informação) a que tem obrigatoriamente que se voltar , quando, no ensino superior, o aluno entrar na paranóia dos conhecimentos parcelares, sectoriais e sectários.

Os livros escolares do 10º, 11º e 12 anos de escolaridade devem ser religiosamente guardados e não atirados arrogantemente ao lixo, depois de terem custado balúrdios aos pais dos alunos.

E depois de terem custado alguns milhares de árvores abatidos ao afectivo para as fábricas de celulose.

A edição de livros escolares tornou-se, com o 25 de Abril e pretensamente legitimado por ele, um escândalo nacional, a engordar editores e autores que, largamente e ao abrigo de três coisas:

a) O 25 de Abril

b) A evolução contínua dos conhecimentos

c) O Livro Único era herança do fascismo

inflacionaram o número de títulos até à vertigem e ao delírio.

Depois deste escândalo e desta afronta à população menos abastada - à eterna e sacrificada classe média que paga todos estes regabofes partidário-científico- editoriais - será um duplo escândalo que o senil ensino universitário, a ciência ordinária que lá se ministra, a corrupção que lá lavra na distinta hierarquia - será um duplo escândalo que, depois disto e deste holocausto, vá tudo parar ao contentor municipal do sr. João Soares/Rui Godinho.

Merda para tanta demagogia «científica».

Merda para tanta aldrabice em nome da qualidade de ensino.

Merda para tanta porcaria, ao abrigo da sacrossanta imparcialidade do conhecimento científico.

Merda para tanto desperdício e tanto esbanjamento.

Merda para tanta poluição mental e visual.

Um caso único de hipocrisia/ demagogia é, com efeito, o cuidado maternal posto na educação visual das novas gerações, ao ponto de se criar uma cadeira de desenho e, depois, as autarquias de Lisboa e arredores admitirem, desde o 25 de Abril, que os grupos rap ou lá o que é, embelezem de sinistra fealdade quilómetros e quilómetros de paredes.

Para avaliar da discriminação que hoje impera neste campo - há que referir alguns pontos :

a) Os grupos rap actuam ao abrigo de uma multiracialidade que a esquerda tem alimentado como sua prerrogativa exclusiva e com episódios mais ou menos manipulados para efeitos de telejornal

b) Discriminação e grande, é que se admita que grupelhos de merda poluam visualmente as cidades e que

depois, nas aulas, os professores, igualmente esquerdistas, igualmente afectos ao arquitecto Troufa, incluem, ao lado de uma tintas de protecção ambiental, a negregada «educação visual» como rubrica muito progressista e muito pró 25 de Abril da educação da nossa juventude.

Ou seja: neste fenómeno ultraracista colabora principalmente um esquerdismo necrófilo, que monopolizou o 25 de Abril e que tem manipulado cérebros, pressionado editores, insultado ministros da educação, etc., etc.

À excepção da editora Gradiva , que prosperou por outros motivos circum-escolare , as editoras que têm conseguido não falir e encher o papo, vivem do livro escolar, todos os anos igual e todos os anos diferente:

- Plátano
- Porto Editora
- Contraponto
- Texto Editora
- Universitária Editora
- Areal Editores

destacam-se entre as principais beneficiárias desta Abrilada.

BALANÇOS DO 25 DE ABRIL

SUBVERSÃO DO ENSINO SUPERIOR

8/3/1999 - O nível de matérias ministradas nos últimos anos do ensino secundário deverá ser retomado no ensino superior.

Há que rejeitar, totalmente, a paranóia de que, chegados ao ensino superior, tudo o que ficou para trás é lixo e há que deitar fora.

O que ficou para trás :

a) Não é lixo

b) É um nível de organização do conhecimento (da informação) a que tem obrigatoriamente que se voltar , quando, no ensino superior, o aluno entrar na paranóia dos conhecimentos parcelares, sectoriais e sectários.

Os livros escolares do 10º, 11º e 12 anos de escolaridade devem ser religiosamente guardados e não atirados arrogantemente ao lixo, depois de terem custado balúrdios aos pais dos alunos.

E depois de terem custado alguns milhares de árvores abatidos ao afectivo para as fábricas de celulose.

A edição de livros escolares tornou-se, com o 25 de Abril e pretensamente legitimado por ele, um escândalo nacional, a engordar editores e autores que, largamente e ao abrigo de três coisas:

a) O 25 de Abril

b) A evolução contínua dos conhecimentos

c) O Livro Único era herança do fascismo

inflacionaram o número de títulos até à vertigem e ao delírio.

Depois deste escândalo e desta afronta à população menos abastada - à eterna e sacrificada classe média que paga todos estes regabofes partidário-científico- editoriais - será um duplo escândalo que o senil ensino universitário, a ciência ordinária que lá se ministra, a corrupção que lá lavra na distinta hierarquia - será um duplo escândalo que, depois disto e deste holocausto, vá tudo parar ao contentor municipal do sr. João Soares/Rui Godinho.

Merda para tanta demagogia «científica».

Merda para tanta aldrabice em nome da qualidade de ensino.

Merda para tanta porcaria, ao abrigo da sacrossanta imparcialidade do conhecimento científico.

Merda para tanto desperdício e tanto esbanjamento.

Merda para tanta poluição mental e visual.

Um caso único de hipocrisia/ demagogia é, com efeito, o cuidado maternal posto na educação visual das novas gerações, ao ponto de se criar uma cadeira de desenho e, depois, as autarquias de Lisboa e arredores admitirem, desde o 25 de Abril, que os grupos rap ou lá o que é, embelezem de sinistra fealdade quilómetros e quilómetros de paredes.

Para avaliar da discriminação que hoje impera neste campo - há que referir alguns pontos :

a) Os grupos rap actuam ao abrigo de uma multiracialidade que a esquerda tem alimentado como sua prerrogativa exclusiva e com episódios mais ou menos manipulados para efeitos de telejornal

b) Discriminação e grande, é que se admita que grupelhos de merda poluam visualmente as cidades e que

depois, nas aulas, os professores, igualmente esquerdistas, igualmente afectos ao arquitecto Troufa, incluem, ao lado de uma tintas de protecção ambiental, a negregada «educação visual» como rubrica muito progressista e muito pró 25 de Abril da educação da nossa juventude.

Ou seja: neste fenómeno ultraracista colabora principalmente um esquerdismo necrófilo, que monopolizou o 25 de Abril e que tem manipulado cérebros, pressionado editores, insultado ministros da educação, etc., etc.

À excepção da editora Gradiva , que prosperou por outros motivos circum-escolare , as editoras que têm conseguido não falir e encher o papo, vivem do livro escolar, todos os anos igual e todos os anos diferente:

- Plátano
- Porto Editora
- Contraponto
- Texto Editora
- Universitária Editora
- Areal Editores

destacam-se entre as principais beneficiárias desta Abrilada.

<12-3-1999><tese-8>

A INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

A CONTRA-INFORMAÇÃO EM CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

<tese-10>

A FRAUDE DO ENSINO SUPERIOR

15/3/1999 - O dogma actualmente dominante e que pode ser fatal para a Naturologia e o ensino correcto da Naturologia, é o da *especialização*.

Segundo esse dogma , o ensino superior deverá caracterizar-se por levar a especialização até à completa desfiguração do real e dos reais movimentos que exprimem o real.

A atomização de informações e de nomenclaturas, instalou no ensino o reino do virtual, significando virtual a ausência de real.

Tal como queria lenine, é precis , aqui, dar dois passos atrás para poder dar 3 passos em frente.

Para avançar em naturologia e na construção do novo paradigma, é preciso sistematica e

obrigatoriamente recuar, em Biologia, em Física, em Química e em Fisiologia, recuar às matérias do 9º, 10º, 11º e 12º, recuperando os contextos globais que o dogma religioso da especialização e da respectiva «superioridade» do ensino superior, pulverizou como se o conhecimento adquirido anteriormente fosse lixo e tudo o que aluno andou a aprender desde o 9º ao 12º estivesse ultrapassado.

Este corte na continuidade das informações através dos vários escalões de ensino é uma das razões que faz do ensino superior o reino de malucos e paranoicos que de facto é.

Se é proibido dizê-lo, tanto mais necessário será dizê-lo.

Se é proibido dizê-lo, porque todos estão muito satisfeitos colaborando na gigantesca fraude, tanto mais necessário será dizê-lo e agir em conformidade com a verdade.

Seria lamentável que a Naturologia e o ensino

da Naturologia colaborasse, sem um estremeção de consciência, nessa fraude e nessa falsidade.

Seria lamentável que a Naturologia, com medo do sistema e dos poderosos interesses instalados, colaborasse sem crítica e sem o mínimo de ditanciamento, na gigantesca fraude.

<tese-11>

O PROGRESSO DOS RETROCESSOS

17/3/1999 - Pista a despistar em naturologia, via Internet ou bibliografia selecta, é a das «grandes descobertas científicas» deste século XX, que já estão completamente esquecidas.

Nomeadamente no campo das ciências médicas e biológicas, os prémios Nóbeis que passaram à História são matéria interessante para o historiador em fase de realizar o balanço crítico que, em naturologia, nos deveria animar para seguir, como é inevitável, em frente e rumo ao novo paradigma.

Repetindo os quiproquos do velho, não iremos lá.

Como não iremos lá, com a nomenclatura
obsoleta nas ciências biológicas,
com o dogma da especialização
com as nomenclaturas bárbaras que reduzem o
real ao virtual
com as lutas pelo poder a que está hoje
reduzido o poder universitário
com a hipocrisia dos regulamentos que asfixiam
a criatividade, a qualidade, a evolução e o
progresso

INFORMAÇÃO E CONTRA-INFORMAÇÃO EM NATUROLOGIA

17/3/1999 - As novas patologias constituem um
capítulo importantíssimo da Nova Naturologia.

Deverá proceder-se a uma investigação da
cronologia das doenças e tentar saber , a partir de
quando surgem determinadas doenças , como as
designadas de auto-imunes, como o lupus, o

lisosoma e as alergias.

A investigação está por fazer, nesse campo, porque , à partida o principal suspeito de ser o causador das novas patologias é a medicina química desta última metade do século XX.